

# DEFINIR COM CLAREZA O INIMIGO INTERNO

— Presidente Samora Machel no encerramento do Conselho de Ministros

Na 4.ª Sessão Alargada do Conselho de Ministros, realizada na semana passada, o Presidente Samora Machel dirigiu-se aos presentes chamando a atenção para dois importantes aspectos. O primeiro focado dizia respeito ao Centralismo Democrático. A este propósito foi recordada a regra mais elementar daquele princípio: a hierarquia, a responsabilidade. Mais tarde, na sua intervenção, o Presidente analisou vários aspectos da vida nacional, tendo situado a sua atenção sobre a definição correcta do inimigo interno. Nessa altura o Marechal Samora Machel disse: *sentimos, nalguns casos, ter-se perdido a noção do inimigo*. Pela sua importância, transcrevemos mais adiante o improviso pronunciado pelo Presidente da República no encerramento da referida 4.ª Sessão. Para esse importante discurso chamamos a atenção dos nossos leitores.

Senhores Membros do Conselho de Ministros

Senhores Convidados

Durante esta 4.ª Sessão Alargada do Conselho de Ministros, houve debates extremamente vivos e ricos, que trouxeram importantes contribuições aos documentos apresentados nesta

Ontem, assistimos a uma discussão particularmente interessante

todos tinham a noção da responsabilidade que representa participar nesta reunião.

São estas as interrogações que devem ser respondidas em primeiro lugar.

Quando falamos em Centralismo Democrático, temos de assumir que somos nós, nesta sala, quem representa o Povo inteiro. Somos nós quem tem a responsabilidade de defender os interesses da maioria. Mas foi precisamente nesta ses-

Sentimos reflectir-se aqui a preocupação de alguns sectores da população de tirar tantos benefícios quanto possíveis sem consentir quaisquer sacrifícios, de obter privilégios sem esforço e sacrifício.

Isto é uma manifestação de recusa de engajamento na nova batalha.

Isto significa falta de vigilância sobre a natureza de classe das ferramentas que utilizamos para o nosso trabalho.

No ano passado, desencadeámos a guerra contra o inimigo interno, que tem várias facetas e várias manifestações, na sua actuação: subversão política, ideológica, aliciamento económico e outro tipo de solicitações. Definimos a necessidade de manter permanentemente, em nós, a clareza de quem é o inimigo interno. Não podemos permitir o relaxamento do sentido agudo e necessário do que é luta de classes.

Sentimos, também, que podemos perder a noção do Povo a quem servimos, quando deixamos que se exprimam preocupações individualistas, pessoais e queremos ter benefícios sem sacrifícios: colher, sem semear. Estamos assim a recusar o espírito de sacrifício que é exigido ao nosso Povo e que é o espírito do Plano Prospectivo Indicativo. O Plano Prospectivo Indicativo é a estratégia de luta pela libertação económica do nosso País. O factor fundamental deste plano é a exigência de sacrifício.

Quando desencadeamos um combate, temos de definir correctamente os nossos objectivos. O Plano indica-nos, pois, os objectivos que queremos atingir. Os objectivos do nosso Plano não são indivíduos, mas sim a sociedade, o Povo.

Devemos definir correctamente a estratégia e a tática que queremos seguir e que sirvam a nossa política. E toda esta discussão visava realmente a definição de métodos correctos de aplicação do Plano.

Mas é necessária clareza sobre o nosso inimigo. Devemos defini-lo correctamente. Nas várias frentes em que lutámos anteriormente, saímos vitoriosos porque tínhamos essa clareza ideológica, a clareza dos objectivos, a clareza de querermos construir o Homem Novo e de conquistar a Independência total e completa.

O Homem Novo, factor essencial no processo de construção do Socialismo, não esteve sempre presente durante as nossas discussões.

Neste processo, tal como durante a nossa Luta Armada de Libertação Nacional, houve, há e haverá sempre aqueles que se deixam engolir pela vida fácil, pela comodidade e pelo conforto. As vezes, por incompetência, ignorância, ingenuidade ou aceitação de valores capitalistas.

Quem são os que agitam a bandeira de aumentos salariais e que valores defendem? Por que não agitam a bandeira do aumento da produção e da produtividade? Para resolver os problemas do custo de vida é preciso promover a produção e a produtividade, porque, se tivermos produtos, a vida não será difícil. Esses, que agitam a bandeira dos capitalistas, deixaram de se inspirar no Povo e no sacrifício que está sempre disposto a consentir. Deixaram de se inspirar no espírito de trabalho árduo que a grande maioria do nosso Povo sempre demonstrou.

Isto significa que interesses individualistas, pessoais, ambiciosos se infiltraram na preparação do nosso trabalho e aqui se manifestaram.

Falámos no custo de vida e definimos as várias classificações dos trabalhadores. Há quem pense que os jovens de 15 a 17 anos que acabam de sair da escola com a 9.ª ou 11.ª classe são já formados e podem ser incluídos no quadro de técnicos.

Como é que esses jovens, sem prática, sem experiência, sem maturidade, podem ser técnicos?

É assim que perspectivamos o futuro?

Por um lado temos vindo a colocar a necessidade e a importância do estudo; mas, por outro lado, promovemos este tipo de aliciamento que está em contradição com o princípio «a cada um segundo o seu trabalho, de cada um segundo as suas capacidades».

Tal princípio é posto em causa quando se pretende equiparar um jovem que acaba de concluir a 9.ª classe com um dirigente experientado.

Quando é que esse jovem teve tempo de forjar-se? Em que combate? Em que trabalho? Onde?

Se nós estamos engajados numa luta de classes, quando é que esse jovem teve a oportunidade de nela participar?

Portanto, isto indica-nos que podemos perder a noção do inimigo.



Para se conseguir a libertação económica é preciso executar o plano. Executar o plano significa, entre outras coisas, construir e pôr a funcionar a segunda geradora de Cahora-Bassa, a instalar na margem Norte do Zambeze, conforme o indicam as setas. (Foto de Carlos Alberto)

Deixaram, enfim, de se inspirar nas capacidades imensas do nosso Povo e no seu espírito criador.

Na luta contra o colonialismo português, isto é, contra o inimigo físico que nos oprimia e massacrava, tínhamos um objectivo comum, que nos unia a todos: conquistar a independência política.

Qual é agora o nosso objectivo? É conquistar a independência económica.

Uma vez atingido o primeiro objectivo, decidimos lançarmo-nos neste combate grandioso, nesta luta sem tréguas que é a independência económica, a edificação do Socialismo.

Neste combate, a nossa fonte de inspiração é e continuará a ser a força imensa do Povo, o seu espírito de sacrifício e o seu espírito de trabalho árduo. O povo trabalhador tem consciência de que é preciso semear para colher e de que a semente não germina imediatamente, de um dia para o outro.

Este combate é ainda mais duro do que aquele que travámos contra o colonialismo português, porque se trata não já de uma confrontação física com o inimigo, mas sim de luta ideológica, em que o inimigo não é físico.

Neste combate, o inimigo é o nosso primo, ou o nosso irmão que é corrupto; o nosso pai que pertenc-

eu a estruturas opressivas; o nosso cunhado e o nosso sobrinho que lutaram contra nós ao lado do exército de ocupação; a nossa prima e a nossa sobrinha que foram prostitutas, para alimentarem o exército colonial; o nosso irmão e o nosso sobrinho que pertenceram à ANP ou que foram GE, GEP, OPV, Flechas ou Comandos, símbolos da morte; o nosso irmão, o nosso primo e o nosso sobrinho que participaram nos massacres contra o nosso povo ou que denunciaram, prenderam e massacraram os mensageiros da FRELIMO.

São estes que agitam bandeiras contra nós. Se tivermos vândescendência para com eles, vamos destruir as conquistas do Povo.

Por tudo isto dizemos que a nossa luta mudou de natureza e de carácter. E, então, há que colocar, mais uma vez, estas questões, fundamentais: Quem é o inimigo? A quem servimos?

Se soubermos responder correctamente a estas questões, estaremos em condições de defender as nossas conquistas. Estaremos em condições de consolidar o Poder Popular, de garantir que o Povo exerça o poder, de fazer triunfar o P.P.I.; de fazer, enfim, da presente década a «Década da Vitória sobre o Subdesenvolvimento».

A LUTA CONTINUA!



A batalha contra o subdesenvolvimento será ganha se todos nos empenharmos, colectivamente, a valorizar as nossas imensas riquezas, como o fazem as populações nas machambas colectivas, conforme se pode verificar na gravura acima

sobre questões referentes à política de Trabalho. Mas essa discussão provocou igualmente algumas inquietações.

Certos problemas que foram postos nesta sala levam-nos a interrogarmo-nos se todos quantos participaram na elaboração do trabalho tinham o conhecimento real da situação económica do nosso País, se

são do Conselho de Ministros, o órgão mais elevado do Governo, onde se encontram os dirigentes do Partido e do Estado aos vários escalões, que sentimos, nalguns casos, ter-se perdido a noção do inimigo.

Sentimos que, por vezes, estávamos envolvidos na preocupação de encontrar soluções que satisfizessem situações particulares.

## Sobre o centralismo democrático

É uma questão de princípio, o Centralismo Democrático. É preciso compreender bem o que é um Director Nacional, Director Provincial, Director Distrital. As qualidades para ser Director Nacional, Provincial e Distrital.

Exigências, capacidades e... a responsabilidade. O Director Nacional, não precisa de nenhuma explicação, ele dirige nacionalmente as 10 Províncias.

O Director Nacional em outros Países é um Vice-Ministro. É nomeado com a concordância do Governador Provincial e para um sector restrito naquela Província.

Não se pode violar esta regra mais elementar do Centralismo Democrático. A hierarquia, a responsabilidade...

O Director Provincial depende em 1.º lugar do Governador, e o Governador depende directamente do Ministro.

Também temos que compreender a distinção entre o Distrito e a Província. Quem dirige a Província? Quem dirige e coordena todos os sectores e tem a última palavra? Qual é a responsabilidade do Governador, em comparação com o Director Nacional?

Quem é o Chefe do Distrito?

O Director Distrital não pode ganhar mais que o Administrador de Distrito.

O Chefe do distrito é o Administrador, o chefe da Província é o Governador, representante pessoal do Presidente da República...

Sejamos vigilantes contra a subversão ideológica utilizando os vencimentos, sejamos implacáveis para com os propagandistas destas ideias.



Imagem do Conselho de Ministros Alargado